

V SIANCO



## SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE COGNITIVA 15 a 19 de setembro de 2025

Temática: O campo multirreferencial da Análise Cognitiva: Tendências e desafios na atuação profissional

Organização Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento



### RESUMO EXPANDIDO

#### EIXO TEMÁTICO: Multirreferencialidade e Polilógica

#### ESCUTA, NARRATIVAS E REDES SEMÂNTICAS: caminhos multirreferenciais para a representação do conhecimento

Maristela Miranda Vieira de Oliveira <sup>1</sup>  
Maria Inês Correa Marques <sup>2</sup>

#### 1. INTRODUÇÃO

A delimitação de uma pesquisa em Ciências Sociais remonta à reflexão sobre o lugar de fala do cientista social, considerando os limites e desafios deste campo de conhecimento na sua função de estudar o homem e as relações que estruturam a sociedade. É sabido que as ciências humanas e sociais se desenvolveram respondendo à tradição científica moderna, com forte influência positivista, onde o conhecimento era delimitado a partir de leis gerais capazes de regerem os fenômenos, de uma supremacia da linguagem matemática com previsões probabilísticas e da necessidade de comprovação pelas vias da observação e experimento. Nesse contexto, métodos foram desenvolvidos a fim de comprovar a mesma elegibilidade dos processos de validação das ciências naturais, a exemplo daqueles que privilegiam a quantificação, objetividade e generalização (GIL, 2008).

Contudo, os métodos que servem às ciências naturais não necessariamente serão os melhores, ou possíveis, para as ciências sociais, desafiando o(a) pesquisador(a) a rever técnicas e procedimentos capazes de responder ao objeto de pesquisa. A

<sup>1</sup> Prof<sup>a</sup> Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB / Doutora em Difusão do Conhecimento – UFBA.

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Titular da Universidade Federal da Bahia – UFBA / Doutora em Ensino de História e História da Educação Superior – UFBA.

objetividade, por exemplo, considerada fundamental nas ciências naturais, nem sempre é tão precisa nas ciências sociais, por carregar fortes relações com a subjetividade humana. A quantificação é outro ponto crítico nas ciências sociais, devido ao caráter diferenciado de suas variáveis que carecem do desenvolvimento de ferramentas e instrumentos capazes de possibilitar o alcance dessas métricas. Por fim, a generalização, criando leis que explicam todos os fenômenos nas ciências naturais, mas que, nas ciências sociais, podem ser relativas e transitórias, considerando a evolução e a dinâmica da vida em sociedade (GIL, 2008; LAKATOS, 2003; GODOY, 2006).

Ao longo da história, inúmeras correntes filosóficas revelaram possibilidades metodológicas para as ciências sociais e, junto a elas, técnicas e processos que permitissem o processo de validação e análise do objeto de pesquisa, transitando pelos paradigmas positivistas, fenomenológicos, estruturalistas e dialéticos (TRIVINOS, 1987). A evolução abriu caminho para novas formulações, acolhendo a visão complexa, multidimensional e multirreferencial. Cavalcanti (2014) contribui para a compreensão dessa jornada pontuando as diferentes abordagens epistemológicas a partir de uma metáfora da visão. Conforme a referida autora, a dialética é o olhar em movimento, pois busca captar o objeto na sua totalidade, considerando a sua perspectiva histórica e as suas contradições; o positivismo é o olhar de fora, que toma distância do objeto, quantificando-o e mensurando-o pelas vias da objetividade e neutralidade; a fenomenologia é o olhar de dentro, de quem está inserido em um meio e vivenciando um fenômeno; o estruturalismo é o olhar por baixo, ou seja, para as estruturas, visto que capta o que dá sustentação, a fim de se compreender a história; por fim, a complexidade é o olhar multidimensional, pois assume a não simplificação reducionista e rompe com a fragmentação unidimensional. Assim, o paradigma da complexidade (MORIN,2015) revela a necessidade de repensar técnicas, ferramentas e instrumentos de pesquisa que se mostrem alinhados ao exercício de interpretação, consoante os fundamentos do pensamento complexo e a evolução de um olhar que seja multidimensional e multirreferencial (FRÓES BURNHAM,2012).

Assim, tendo o pensamento complexo como ponto de partida, este estudo acolhe o desafio das pesquisas nas ciências sociais, mais precisamente no âmbito da compreensão de grupos ou comunidades, sugerindo uma dinâmica de interação entre objetividade e subjetividade. Para tanto, parte do pressuposto de que criar métodos

objetivos para compreender realidades subjetivas exige a ajuda de instrumentos e ferramentas compatíveis com o nível de complexidade envolvido na proposta, a fim de possibilitar análises compartilhadas entre uma visão técnica e racional e o simbólico e abstrato.

Apresenta-se, portanto, a utilização dos instrumentos de entrevista narrativa em conjunto com a elaboração de rede semântica, enquanto proposta de técnica analítica-interpretativa para construção e representação do conhecimento, que se reveste da necessária multirreferencialidade capaz de proporcionar diferentes possibilidades discursivas, numa estratégia de integração de dados quantitativos e qualitativos.

## **2. Entrevistas Narrativas: escutando os sentidos de um enredo**

Nas palavras de Barthes (2009), “não se tem notícia de que possa ter existido, em nenhum lugar e em tempo algum, um povo sem narrativas, sendo esta faceta do humano tão real quanto a própria vida” (BARTHES, 2009, p. 16). Partindo desse pressuposto e tendo como verdadeira a disposição dos indivíduos para narrarem as suas próprias vidas, a entrevista narrativa é utilizada como instrumento de levantamento de dados capaz de contribuir para a revelação de aspectos da subjetividade de integrantes de uma pesquisa, considerando o potencial para revelar aspectos do sistema simbólico que compõe os sentidos de um contexto (BAUER & GASKELL, 2012). A sistematização necessária para sua utilização exige que sejam respeitados, por parte dos pesquisadores, passos fundamentais que garantam o cuidado e proteção ao material colhido durante todas as fases, desde a entrevista, transcrição, até a publicação, e orientando-se com base em atitudes éticas e respeitadas para com o entrevistado.

Durante as entrevistas pratica-se a escuta, sem juízo de valor, sem interferências, sem a formalidade das teorias, abrindo espaço para o outro, para o mundo vivido do outro, e para tudo que lhe pareça importante relatar naquele momento. É o momento em que o próprio participante decidirá se deseja tocar em memórias, história, cultura, facilitando o revelar de sistemas de valores que condicionam o fazer coletivo. Essa aproximação com a subjetividade individual dos atores do processo possibilita dialogar com um conhecimento que, normalmente, está intrínseco, dificultando a integração dos indivíduos com seus grupos. A técnica acompanha o padrão elaborado por

Jovchelovitch & Bauer (2002) cumprindo as etapas de iniciação, narração central, fase de perguntas e fala conclusiva. Todo o material é gravado em áudio, com anuência dos participantes e, após, as narrativas passam por cuidadoso processo de tratamento consoante a segunda etapa do levantamento dos dados que é a elaboração das redes semânticas.

### **3. Redes Semânticas: desenhando os sentidos de um enredo**

A evolução dos estudos em torno das redes apontou para a existência de estruturas que podem ser exploradas, facilitando a análise de problemas em várias áreas do conhecimento desde a biologia, física, até a sociologia (BARABÁSI, 2003 apud METZ, 2007; RECUERO, 2009). A utilização de redes enquanto método analítico nasceu com o objetivo de perceber a forma de conexão entre grupos de indivíduos utilizando a Teoria de Grafos para representação desse conhecimento.

O estudo das redes tornou-se um campo de conhecimento multidisciplinar, amplo e bastante especializado, fazendo surgir conceitos, propriedades e modelos como bases importantes para a compreensão desse tema. Entre as diversas aplicações das Redes está a possibilidade de representação do conhecimento através de uma de suas derivações, as redes semânticas. Nessas redes, utiliza-se a mineração de dados, a partir de textos, diálogos ou narrativas, com vistas a analisar o processo comunicativo. Com essa técnica é possível compreender o contexto em que as palavras surgem no decorrer do diálogo, sua posição, relevância e conexões, revelando uma lógica do relacionamento semântico com foco nas palavras e estrutura. As redes semânticas são grafos onde os nós são representados pelas palavras e as arestas que conectam esses nós definem a relação entre eles (BARABÁSI, 2003 apud METZ, 2007). Para a elaboração da rede semântica pode ser utilizado programas capazes de gerar novas formas de visualização de informações baseado em grafos a exemplo do Gephi. Tais ferramentas viabilizam o controle e tratamento dos dados, a fim de transformá-los em informações e, posteriormente, no conhecimento almejado.

### **4. CONCLUSÃO**

Neste domínio do conhecimento encontra-se a base teórica necessária para justificar a utilização da escuta de narrativas, em conjunto com a elaboração de redes semânticas, como instrumentos para identificação de sistemas de valores que compõem a subjetividade individual e coletiva de um grupo. Uma vez que a análise a

partir das redes permite observar aspectos de integração, ao mesmo tempo em que possibilita a identificação do que é diverso num grupo de dados, entende-se que esta estratégia metodológica permite apontar o que seriam interesses convergentes e interesses conflitantes, através de dados que se ajustam compondo uma imagem do grupo. O desenho, criado a partir das palavras e expressões utilizadas por cada um, contribui para visualizar caminhos onde os aspectos da subjetividade se encontram ou se distanciam, gerando um modelo de interpretação daquele coletivo. Assim, entrevistas narrativas transformadas em dados e informações para visualização a partir de sistemas de representação do conhecimento, ajudam romper com um modelo linear e cartesiano, revelando em sua essência o paradigma da complexidade (aspectos subjetivos levantados através da escuta de narrativas), confrontado com o paradigma simplificador (construção de rede semântica a partir das palavras de um discurso).

## 5. REFERÊNCIAS

- BARTHES, R.; GREIMAS, A. J.; BREMOND, C.; ECO, U.; MORIN, V.; GRITTI, J.; METZ, C.; TODOROV, T.; GENETTE, G. **Análise estrutural da narrativa**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009
- BAUER, Martin W; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012
- CAVALCANTI, Alberes de Siqueira. **Olhares epistemológicos e a pesquisa educacional na formação de professores**. Educação Pesquisa. São Paulo, v. 40, n. 4, 2014
- BURNHAM, Teresinha Fróes. **Análise Cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação a distância e gestão-difusão do conhecimento**. Salvador, EDUFBA, 2013.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008
- GODOI, Christiane Kleinübing et al (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006
- JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: Bauer M. W., Gaskell G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003
- METZ, Jean. **Redes Complexas: conceitos e aplicações**. São Carlos: Instituto de Ciências, Matemática e de Computação, 2007
- MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009
- TRIVIÑOS, augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987